XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA

DIREITO, ARTE E LITERATURA

ANDRÉ KARAM TRINDADE

MARCELO CAMPOS GALUPPO

ASTREIA SOARES

Copyright © 2015 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – Conpedi
Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR
Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP
Secretário Executivo -Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC
Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Conselho Fiscal
Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR
Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP
Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini Sanches - UNINOVE
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)
Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

Representante Discente - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

Secretarias
Diretor de Informática - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC
Diretor de Relações com a Graduação - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borgs – UFU
Diretor de Relações Internacionais - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC
Diretora de Apoio Institucional - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC
Diretor de Educação Jurídica - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM
Diretoras de Eventos - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA
Diretor de Apoio Interinstitucional - Prof. Dr. Vladmir Oliveira da Silveira – UNINOVE

D598

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFMG/FUMEC/ Dom Helder Câmara;
coordenadores: André Karam Trindade, Marcelo Campos Galuppo, Astreia Soares – Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-105-0
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: DIREITO E POLÍTICA: da vulnerabilidade à sustentabilidade

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. Arte. 3. Literatura. I. Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara (25. : 2015 : Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

CONPEDI
Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Florianópolis – Santa Catarina – SC
www.conpedi.org.br

XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC /DOM HELDER CÂMARA

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

A perspectiva que unificou os trabalhos apresentados no GT Direito, arte e literatura foi, certamente, a da proximidade entre as esferas jurídica e estética. Por outro lado, as conjugações entre Direito e arte demonstraram que esta proximidade pode se dar nas mais diversas formas e de acordo com diferentes bases teóricas.

O percurso pelos temas apresentados no GT sugere que o mundo da leis, das letras e das artes são constitutivos de múltiplas subjetividades que redesenham a realidade social, articulam imagens e símbolos. Os rituais jurídicos são, neste caminhar, definidores de nossas representações e visões de mundo, algumas vezes na mesma direção apontada pela música, pelo romance ou por um cena teatral. Imaginação e realidade se confundem, se fundem para a seguir se objetivarem nas práticas das leis e dos processos.

Afetos e valores morais não são, necessariamente, elementos centrais de uma obra de arte ou de um texto literário. Entretanto, permeadas pelas características da beleza, as artes encontram no Direito o sentido das finalidades que damos aos nossos atos. Em ato recíproco, temos as artes acenando com concepções sobre as regras do jogo cotidiano da vida, reinventando com sua aura o sentido de justiça.

Arte e Direito reinventam o mundo criticamente e é este trânsito entre estas esferas que se torna merecedor das análises dos autores dos trabalhos aqui apresentados. Trabalhos que são provocativas possibilidades de leituras filosóficas, políticas e estéticas sem, contudo, ignorarem a diversidade entre Direito e expressões artísticas. A interdisciplinaridade que qualifica estes olhares sobre o mundo jurídico acaba por vinculá-lo tanto com a cultura, quanto com a vida. A abordagem interdisciplinar se torna relevante, também, por permitir uma tessitura sofisticada de conhecimentos que levam à sustentação do pensamento crítico, tão essencial para a compreensão das noções de Direito e justiça.

O Direito contado na literatura, o Direto cantado na canção, enredado nas linhas do poema ou destacado na cena de um filme, acaba por ser desvelado pelos autores dos artigos que, por felicidade, podemos ler nas páginas que se seguem.

REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM "AS MENINAS" DE LYGIA FAGUNDES TELLES

REPRESENTATIONS OF GENDER VIOLENCE IN " AS MENINAS" BY LYGIA FAGUNDES TELLES

Elisa Girotti Celmer

Resumo

O presente trabalho visa a analisar, sob a perspectiva da sociologia do romance, a obra As meninas de Lygia Fagundes Telles. O romance conta histórias da vida de três jovens mulheres, o tempo cronológico do livro é de apenas um dia durante a conturbada época da ditadura militar brasileira, mas, em tal período, as personagens, por meio do fluxo de consciência, discorrem sobre as suas principais experiências. É no tempo subjetivo que são revelados abuso sexual, discriminação, tortura, abuso de drogas, repressão sexual, suicídio e etc. Conforme Bosi, trata-se de um romance no qual a tensão é interiorizada, as heroínas não enfrentam o mundo pela ação, elas subjetivam o conflito. Assim, pretende-se refletir sobre as representações da violência de gênero na referida obra para realizar uma análise que, segundo Antonio Candido, leve em conta o elemento social como fator da própria construção artística, sem reduzi-lo ao nível meramente ilustrativo.

Palavras-chave: Representações sociais, Violência de gênero, Literatura brasileira

Abstract/Resumen/Résumé

From the perspective of sociology of the novel, this essay aims to analyze the novel "As meninas" by Lygia Fagundes Telles. The novel tells the life stories of three young women, the chronological time of the book is only one day during the troubled phase of the Brazilian military dictatorship. In this period, the characters, through the stream of consciousness, discuss about theirs main life experiences. It is in subjective time that are revealed sexual abuse, discrimination, torture, drug abuse, sexual repression, suicide, etc. As Bosi said, it is a novel in which the strain is internalized, the heroines do not face the world by action, they subjectify the conflict. Thus, we intend to debate about the representations of gender violence in this novel to carry out an analysis which, according to Antonio Candido, take into account the social element as their own artistic construction factor, without reducing it to barely illustrative level.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Social representantions, Gender violence, Brazilian literature

> “A função do escritor? Ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade. Escrever por aqueles que não podem escrever. Falar por aqueles que muitas vezes esperam ouvir da nossa boca a palavra que gostariam de dizer” (…). – Lygia Fagundes Telles

Considerações iniciais

O presente trabalho visa a analisar, sob a perspectiva da sociologia do romance, a obra “As meninas” de Lygia Fagundes Telles. O livro conta a história de três jovens universitárias de condição social bem distintas que se tornam muito amigas, ao residirem no mesmo pensionato de freiras na cidade de São Paulo. A cumplicidade das jovens se dá pela estreita convivência por algum tempo. Com suas diferentes personalidades e valores, compartilham dramas, sonhos e solidariedade; no final do livro, separarem-se definitivamente.

A obra encanta especialmente pelo foco narrativo mutante, o que pode imprimir alguma dificuldade inicial para os/as leitores/as, já que Lorena Vaz Leme, Ana Clara Conceição e Lia de Melo Schultz contam, juntamente com um/a narrador/a, a história por meio de seus fluxos de consciência, intercalando suas falas, ações, lembranças e críticas recíprocas. Depois dessa surpresa inicial, acaba-se por identificar o estilo de cada personagem, restando o interesse em desvendar o universo íntimo das três meninas – uma paulista “quatrocentona”, uma baiana "terrorista" e uma modelo “drogada”. Os capítulos, sem títulos, são onze e identificados apenas por números.

É no tempo subjetivo que são revelados abuso sexual, discriminação, tortura, abuso de drogas, repressão sexual, suicídio e etc. Conforme Bosi (1978), trata-se de um romance no qual a tensão é interiorizada, as heroínas não enfrentam o mundo pela ação, elas subjetivam o conflito. Assim, pretende-se refletir sobre as representações da violência de gênero na referida obra para realizar uma análise que, segundo Antonio Candido (1985), leve em conta o elemento social como fator da própria construção artística, sem reduzi-lo ao nível meramente ilustrativo.

1. Lygia Fagundes Telles: da realidade para a ficção

Antes de iniciar a análise proposta, é importante discorrer um pouco sobre a trajetória da autora da obra, uma vez que sua biografia certamente tem alguma influência na forma como a história das “Meninas” é contada.

Lygia de Azevedo Fagundes é quarta filha do casal Durval de Azevedo Fagundes e Maria do Rosário Silva Jardim de Moura, nasceu na capital paulista, em 19 de abril de 1923. Seu pai, advogado, exerceu os cargos de delegado e promotor público em diversas cidades do interior paulista, razão pela qual a escritora passou seus primeiros anos da infância mudando-se constantemente. Durante a infância, tinha por hábito ouvir histórias contadas pelas pajens e, também, por outras crianças. Daí, a partir de 1931, quando é alfabetizada já começa a escrever em seus cadernos escolares histórias que contaria nas rodas de leitura em sua casa.

Em 1936, seus pais se separam, mas não se desquitam. Vale destacar que a separação de um casal era, nessa época, bastante incomum. Com certeza, Lygia compartilhou as angústias, especialmente, de sua mãe por ser uma "mulher separada" na conservadora sociedade paulistana da década de 30.

"Porão e sobrado" foi primeiro livro de contos publicado pela autora, em 1938, quando tinha apenas 15 anos, com a edição paga por seu pai. Assinou apenas como Lygia Fagundes. Posteriormente, a escritora retira de sua relação de obras este livro, por considerá-lo imaturo.

No ano seguinte, Lygia Fagundes termina o curso fundamental no Instituto de Educação Caetano de Campos, na capital paulista. Em 1940, ingressa na Escola Superior de Educação Física, naquela cidade. No ano seguinte, 1941, inicia o curso de Direito, quando começa a frequentar as rodas literárias que se reuniam em restaurantes, cafés e livrarias próximas à faculdade. Nessas ocasiões, conhece Mário e Oswald de Andrade, Paulo Emílio Sales Gomes, entre outros, e passa a integrar a Academia de Letras da Faculdade, colaborando na elaboração de jornais da faculdade.

Lygia trabalha como assistente do Departamento Agrícola do Estado de São Paulo para conseguir se sustentar. Em 1941, conclui o curso de Educação Física.

Em 1944, é editado seu livro de contos "Praia viva", pela Martins, de São Paulo. O ano seguinte é marcado pelo falecimento de seu pai. Percebendo os acontecimentos políticos, a escritora, junto com colegas da Faculdade, participa de uma passeata contra o Estado Novo.

Conclui o curso de Direito em 1946. Apenas três anos depois, a escritora publica seu terceiro livro de contos "O cacto vermelho", pela editora Mérito. Esta obra recebe o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, o primeiro de tantos prêmios que viriam.

Em 1950, Lygia Fagundes casa-se com o jurista Goffredo da Silva Telles Jr., seu professor na Faculdade de Direito que, naquele ano, era deputado federal. Passa então, a se assinar Lygia Fagundes Telles. Em função do casamento com o então deputado federal, muda-se para o Rio de Janeiro, onde funcionava a Câmara Federal.

Inicia a escrever seu primeiro romance “Ciranda de pedra”, após seu retorno à capital paulista em 1952. A mãe da escritora, Maria do Rosário, falece em 1953 e, no ano seguinte, nasce seu único filho, Goffredo da Silva Telles Neto.

Ainda em 1954, as Edições “O Cruzeiro”, do Rio de Janeiro, lançam o romance “Ciranda de pedra”. Seu livro de contos “Histórias do desencontro” é publicado pela editora José Olympio, do Rio de Janeiro, sendo premiado pelo Instituto Nacional do Livro em 1958.

Em 1960 separa-se de seu marido Goffredo e, no ano seguinte, começa a trabalhar como procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo de onde se aposentou, sem nunca parar de trabalhar mesmo com sua carreira literária.

Dois anos depois, lança, em 1962, pela editora Martins de São Paulo, seu segundo romance “Verão no aquário”. Em 1970, passa a viver com Paulo Emílio Salles Gomes e começa a escrever o romance “As meninas”, inspirado no momento político por que passava o país. Em 1964 e 1965 são publicados seus livros de contos “Histórias escolhidas” e “O jardim selvagem”, respectivamente, pela editora Martins.

Seu livro de contos “Antes do baile”, publicado pela Bloch, do Rio de Janeiro, em 1970, recebe o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, na França. Em 1973, pela José Olympio, lança seu terceiro romance “As meninas”, que se torna um sucesso. Com esta obra, a escritora arrebatou todos os prêmios literários de importância no país: o Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras; o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro e o de "Ficção" da Associação Paulista de Críticos de Arte.

O livro “Seminário de ratos”, coletânea de contos, é publicado em 1977 pela José Olympio e recebe o prêmio da categoria Pen Club do Brasil. A escritora compõe o corpo de jurados do Concurso Unibanco de Literatura, ao lado dos escritores e críticos literários como Otto Lara Resende, Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio, Antônio Houaiss e Geraldo Galvão Ferraz.

Em setembro de 1977, falece seu companheiro Paulo Emílio Salles Gomes. A escritora assume, em razão do ocorrido, a presidência da Cinemateca Brasileira, que Paulo Emilio havia ajudado a fundar. No ano seguinte, a editora Cultura, de São Paulo, lança “Filhos pródigos”, tal coletânea de contos seria republicada em 1991 sob o título de “A estrutura da bolha de sabão”. A TV Globo leva ao ar um Caso Especial baseado no conto "O jardim selvagem".

No início dos anos 80, a TV Globo transmite a telenovela “Ciranda de pedra”, adaptada do romance de Lygia. Em 1982, a autora é eleita para a cadeira 28 da Academia Paulista de Letras e, em 1985, por 32 votos a 7, é eleita, em 24 de outubro, para ocupar a

cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras – fundada por Araripe Júnior e cujo patrono é Gregório de Mattos – na vaga deixada por Pedro Calmon. Sua posse só ocorre em 12 de maio de 1987. Ainda em 1985 é agraciada com a medalha da Ordem do Rio Branco.

Em 1989, é o ano de lançamento de seu romance “As horas nuas”. Recebe a Comenda Portuguesa Dom Infante Santo. Em 1990, seu filho Goffredo Neto realiza o documentário Narrarte, sobre a vida e a obra da mãe. Em 1991, aposenta-se como funcionária pública.

A Rede Globo de Televisão apresenta, em 1993, na série “Retratos de mulher”, o episódio denominado "Era uma vez Valdete", uma adaptação da própria escritora do seu conto "O moço do saxofone" que compõe o livro “Antes do baile verde”.

Lygia Fagundes Telles participa da Feira o Livro de Frankfurt, na Alemanha, em 1994, e lança, no ano seguinte, o livro de contos “A noite escura e mais eu”, que ganhou os prêmios de Melhor livro de contos, concedido pela Biblioteca Nacional; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro e Prêmio APLUB de Literatura.

Em 1996, estréia o filme “As meninas”, de Emiliano Ribeiro, baseado em romance homônimo de Lygia. Em 1998, a convite do governo francês, participa do Salão do Livro da França. Em 2001, seu livro “Invenção e Memória” foi agraciado com o Prêmio Jabuti na categoria ficção. Recebe, também, o "Golfinho de Ouro" e o Grande Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Neste mesmo ano, a escritora é agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB). Recebe, em 2005, o Prêmio Camões, o mais importante da literatura em língua portuguesa. A escritora teve regravada pela Rede Globo de Televisão, em 2008, a telenovela Ciranda de Pedra, baseada na obra literária homônima.

Lygia Fagundes Telles é uma escritora que aborda, na literatura contemporânea brasileira, de forma lúcida, mas também apaixonante, o “mundo em crise” vivenciado atualmente. As razões, certezas e verdades absolutas que antes explicavam todas as dimensões da vida, já não o fazem mais.

A escrita de Lygia trata das incertezas da sociedade contemporânea, suas personagens são pessoas comuns que não apresentam características extraordinárias e estão envolvidas em situações corriqueiras, o que vincula, ainda mais, a ficção com a realidade. A obra da autora, em especial “As meninas”, não tem a pretensão de explicar muitas coisas, apenas sugere situações que não podem ser solucionadas de maneira clara. O tema de sua obra são, acima de tudo, os dilemas acerca do ser humano e das relações entre as pessoas dentro de um espaço social, inserido num mundo em constante transformação.

2. O romance e sua estrutura

O romance “As Meninas” explora simultaneamente duas dimensões da vida. De um lado, apresenta o instigante mundo íntimo das experiências de três jovens mulheres em busca de si mesmas; do outro lado, mostra um cenário com as questões sócio-culturais que permearam as décadas de 60 e 70, em um Brasil sob regime da ditadura militar.

Cronologicamente, o romance é pouco marcado, não há referências claras quanto aos dias da semana, ao mês ou ano. O tempo é propositadamente vago. Isto porque a intenção da autora é evidente em destacar o tempo psicológico. Os acontecimentos ocorrem por meio do cruzamento da memória das personagens com algumas ações de então. Há um constante deslocamento entre passado e presente. Apesar da não exatidão, é possível perceber que o romance transcorre em dois dias. Deduz-se também que o ano é o de 1969, pela menção da troca da liberdade do namorado da personagem Lia pela do embaixador americano, no famoso caso do sequestro do embaixador dos Estados Unidos por militantes da resistência contra a ditadura militar.

Outros fatos mencionados ou implícitos na obra permitem a localização do romance no final dos anos 60: as agitações sociais, passeatas, greves universitárias, a prisão e a tortura de militantes políticos em razão do endurecimento do regime militar, o crescimento intenso e assustador da cidade de São Paulo, acontecimentos que parecem esmagar a individualidade dos jovens, dificultando à juventude vislumbrar que caminhos seguir. No plano internacional, nessa época, emergem os movimentos por direitos civis, em especial, o feminismo. Também, vale ressaltar que, em 1969, foram completados vinte anos da publicação da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir que foi um marco para o pensamento feminista.

Presente e passado são absolutamente imbricados na narrativa. É pelo fluxo da memória que aparecem os traumas e problemas existenciais das três meninas - símbolos de toda uma geração encurralada entre a tradição do passado e o inusitado do presente.

A intriga de “As Meninas” se passa em uma época intensa da vida política e cultural, no período mais violento da repressão dos militares e, por consequência, da resistência dos militantes. Sob essa tensão de forças, foram brotando problemas sociais, tais como, o desamparo da educação, a corrupção, o tráfico de drogas e a criminalidade urbana. Não é esse o tema do romance, mas sem isso a narrativa praticamente perderia muito de seu sentido. Com este pano de fundo, cada personagem tem sua trama própria: a espera da ligação do amante

por Lorena; o plano de fuga de Lia para o exílio com o namorado e o sonho de Ana Clara em casar com noivo empresário.

Diante de toda essa opressão, as três jovens encontram refúgio no Pensionato N. Senhora de Fátima, ao que tudo indica, na região central de São Paulo. O “quarto-concha” de Lorena é o porto seguro, onde as personagens procuram conforto e segurança, tanto no aspecto material quanto afetivo. O quarto de Lorena é uma espécie de recanto dentro de um mundo confuso e amedrontador.

Praticamente, toda a ação do romance é interiorizada, muito pouco ocorre na realidade exterior: no pensionato, a vida transcorre de forma pacata; a habitação de Lorena é o microcosmo, onde se dão os encontros das amigas, as conversas infindáveis, os estudos; poucos fatos ocorrem na faculdade ou no "aparelho", local onde os companheiros de Lia se encontram; a morte de Ana Clara e a solução pensada pelas outras meninas para se livrarem do cadáver comprometedor, acontecem a partir do quarto de Lorena. Tudo mais se desenrola na dimensão da consciência, na memória das jovens, que tentam resolver seus conflitos, evocando suas experiências à procura de algum auto-conhecimento.

Para fazer esse relato da alma dessas três meninas, a autora usou um foco narrativo flutuante, com isso, o foco da narração troca constante e rapidamente do fluxo de consciência de cada uma das três amigas para um narrador em terceira pessoa, que organiza a história, mas não é totalizante. A apresentação das personagens se dá por meio de entrevistas entre elas mesmas. Com este recurso, elas refletem regularmente sobre si mesmas e umas sobre as outras, conduzindo quem lê a obra às assíduas invasões da privacidade de Lorena, Lia e Ana Clara. Os estilos diferentes de expressão de cada uma das meninas vão sendo mostrado no início do romance, a fim de que o/a leitor/a saiba, ao longo do livro, identificar o fluxo de consciência das personagens. Lorena possui um discurso mais elaborado e lúdico, enquanto Lia se expressa com regionalismo politicamente engajado, e Ana Clara se revela por meio de um pensamento desorganizado e obscuro. Assim, o/a leitor/a é levado a submergir no universo dessas três meninas, representantes autênticas de um período conturbado para a liberação feminina e a liberdade de expressão.

As três jovens falam em primeira pessoa: Lorena, Lia e Aninha expressam-se pelo pronome EU. Elas falam de si mesmas, mas também falam umas sobre as outras, mais ainda, pensam umas a respeito das outras. Mesmo quando dizem algo sobre as outras, sempre utilizam o pronome pessoal na primeira pessoa, não necessitando para tanto mudar o foco narrativo para a terceira pessoa. Cada uma das meninas é, simultaneamente, personagem-narrador e observador. Contudo, há na obra um quarto olhar que organiza a narrativa, este é o

narrador ou a narradora, não há como saber o gênero. Existe, então, um narrador/a que não conta nada de si, que somente relata a respeito das três meninas.

Pode-se dizer que o narrador onisciente funciona mais como um costureiro que alinhava as histórias das três em uma única, do que uma instância narrativa que concentra todos os sentimentos e acontecimentos das personagens e do mundo que as circundam. Veja-se um trecho que demonstra a presença do narrador: "Lorena reconheceu o lenço verde na bolinha que rolou até quase seus pés. Ficou esperando pela saída do segundo lenço, mas do fundo da sacola só saíram farelos de pão de mistura com papel picado. Sentou-se ao lado da amiga e ficou olhando o teto" (Telles, p. 160). Vale destacar que as manifestações do narrador, ao longo da história, sempre concedem um tom de delicadeza ao que está relatando, ainda que sejam fatos tristes. Em um trecho em que Ana Clara, sob o efeito das drogas, passa mal e delira, lembrando dos abusos que sofrera, o narrador manifesta-se assim, contando a reação do amante de Aninha: "Ele beijou repetidas vezes a boca de Ana Clara, ajeitou-lhe meigamente o cabelo em desordem e rolou seu corpo como se rolasse sobre uma duna de areia.(...)" (Telles, p. 51).

3. Conflitos e representações da violência de gênero

Esta análise se propõe a integrar os estudos da sociologia da conflitualidade no sentido dado por Tavares dos Santos (2009), uma vez que o autor coloca a violência de gênero como uma das práticas violentas próprias da sociedade contemporânea que podem ser compreendidas por este paradigma explicativo que é a sociologia da conflitualidade. A partir de problemas sociais tais como crime e violência, a sociologia da conflitualidade tem como projeto reconstruir a significação sociológica das questões sociais por meio de formulações advindas da sociologia do conflito, desde os clássicos até aos contemporâneos.

Na perspectiva da sociologia da conflitualidade, as tensões, as lutas e os conflitos sociais são constitutivos das relações sociais. Tavares dos Santos (2009) destaca as lutas sociais que, por mobilizarem e reorganizarem agentes sociais em torno de reivindicações, supõem uma ampla mobilização social que se organiza em razão de seus opositores, definindo assim suas identidades em embates, sugerindo reorientações, algumas vezes, de grandes proporções históricas.

Percebe-se, então, que nesta forma de análise do social a perspectiva relacional das relações sociais possui relevante papel, pois tal perspectiva entende as classes, as categorias e os grupos sociais como construções práticas e simbólicas de agentes posicionados na estrutura

da sociedade, com diferentes e múltiplas trajetórias. O paradigma da conflitualidade, no entanto, ressalta a dimensão a contradição, do conflito e da luta, em oposição à ordem e ao consenso como princípio norteador da reconstrução sociológica da vida social. Qualquer disputa social é caracterizada como lutas plurais de negação das formas de exercício da dominação (Tavares dos Santos, 2009).

Vale trazer ao debate as considerações clássicas de Simmel (Filho, 1983) sobre o conflito. Simmel propõe uma sociologia fundamentada nas experiências dos indivíduos, destacando a vida cotidiana e a composição de grupos sociais. Esta ideia de focar nas interações sociais cotidianas – ao que Simmel denomina, sociação – conduz a uma perspectiva que destaca os paradoxos que constituem as ações sociais da vida diária.

Nesta perspectiva, a teoria do conflito social, conforme Simmel (Filho, 1983), apresenta elementos para refletir sobre a influência do conflito nas relações sociais. Contudo, Simmel apresenta um outro modelo para os conflitos sociais ao perceber tais conflitos como instrumentos de permanente interação social que resulta em uma sociação dos sujeitos: "Se toda interação entre os homens é uma sociação, o conflito – afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas – deve certamente ser considerado uma sociação" (Filho, 1983, p. 123).

O conflito é visto não como algo negativo que inevitavelmente provoca dissenso social, mas como um mecanismo que pode ser positivo, uma vez que propicia a sociação. Simmel (Filho, 1983) entende que o conflito é realizado para resolver divergências, é considerado, portanto, uma forma de alcançar algum tipo de unidade, ainda que seja pelo aniquilamento do oponente. A sociedade, nesse sentido, necessita tanto de amor quanto de ódio, ou seja, de relações de conciliação e de discordância, de associação e de competição. Para o autor, ao se analisar a vida cotidiana deve-se, simultaneamente, contemplar as singularidades do individual e as regularidades do social. Isto porque, segundo Simmel, o ser social não é parcialmente individual e social, mas produto da síntese da tensão entre indivíduo e sociedade.

Esta nuance da tensão entre a sociedade e o indivíduo está presente nos conflitos das três jovens representadas no romance em análise. Entendo que as representações sociais são componentes simbólicos que os seres humanos exprimem por meio de gestos, comportamentos e palavras, assim, "(...) a representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel." (Arruda, 2002, p.134)

Pensando nestas representações, Pravaz assevera que "a existência de categorias como sistema de classificação que ordena o mundo é Universal" (1981, p.17) e desenvolve em sua obra chamada "Três Estilos de Mulher: a doméstica, a sensual e a combativa" o debate sobre os diferentes arquétipos femininos – ou tipos ideais – estabelecendo como parâmetro a mitologia grega: as Deusas Hera, Afrodite e Atena[1].

Por este prisma, as mulheres são representadas pela convenção social dominante em três categorias: doméstica, esposa e mãe, identificada com a Deusa Hera; sensual, amante e sedutora, identificada com a Deusa Afrodite; e combativa, guerreira e independente, identificada com a Deusa Atena. Esses modelos estão arraigados em um sistema engessado de papéis de gêneros pré-estabelecidos, os quais precisam ser repensados para que haja uma emancipação feminina.

Na sociedade contemporânea, também descrita no romance "As meninas", as mulheres dificilmente se limitam a desempenhar um papel, porque a dinâmica social criou a figura da mulher-mãe-guerreira, que frequenta tanto o espaço privado quanto o público, mas ainda sofre com a dominação de regras de comportamento impostas por padrões patriarcais. Estas mudanças, segundo Pravaz (1981), não foram previstas quando o Olimpo foi inventado pelos Deuses que designaram às mulheres os arquétipos das Deusas Hera, Afrodite e Atena. Conforme Pravaz (1981), a família é a principal instituição responsável pela manutenção desses modelos, com pequenas variações de acordo com a classe social e a cultura dos membros familiares.

Sendo assim, a autora propõe a necessidade das mulheres repensarem-se a partir de suas próprias perspectivas para que, desta maneira, ocorra uma desconstrução dos papéis fixos de gênero, alicerçados em preconceitos, e se atinja uma emancipação (Pravaz,1981). É esta reflexão que a obra de Lygia Fagundes Telles "As meninas" sugere por meio de suas três personagens. Estas jovens mulheres, apesar de apresentarem ideias estereotipadas, agindo, por

---

[1] ATENA – Deusa da justiça e da sabedoria, filha de Zeus com Métis. Atena nasceu da cabeça de Zeus quando este, ao saber da gravidez de Métis e prevendo ser destronado por esse filho, segundo uma antiga profecia, engoliu a deusa e depois de alguns meses sentiu uma forte dor de cabeça. Pediu a Hefesto para dar-lhe uma machadada na cabeça e após esse golpe Atena saltou da cabeça do pai já adulta e armada. Em sua disputa pela cidade de Atenas com Poseidon, Atena ofereceu aos atenienses uma oliveira que produzia azeite e alimentos para a cidade. Atena era considerada uma deusa virgem e segundo versões tradicionais de seu mitologema não teve filhos, pois caso tivesse algum teria que abandonar as guerras.
AFRODITE – Deusa do amor e da beleza, inspiradora de paixões entre os mortais e imortais, nasceu da espuma do mar quando Urano foi castrado por Cronos. Seu mito gira em torno de casos amorosos. Seu esposo oficial era Hefesto, o deus das forjas, mas que confeccionou para a deusa as melhores jóias do mundo. Teve diversos casos com outros deuses e o mais conhecido deles é o caso da deusa com Ares, o deus da guerra. Alguns de seus filhos são Hermafrodito, filho que teve com Hermes, com Ares teve Eros, Phobos, Deimos, Anteros e Harmonia, com Apolo teve Himeneu, com Dionísio teve Príapo e o herói troiano Enéias com Anquises.
HERA – Rainha do Olimpo, esposa oficial de Zeus e irmã dos demais deuses, Poseidon, Hades, Héstia, Demeter. Seu principal mitologema é a perseguição aos filhos de Zeus advindo das relações extraconjugais. Era representada de caráter severa e extremamente ciumenta e agressiva, Hera chegou a tentar matar o próprio Heracles quando este apenas era um bebê. Após a ascensão do mesmo ao Olimpo, refizeram as pazes e entregou Hebe para ser esposa dele.

vezes, conforme tais estereótipos, também desejam realizar tarefas diferentes. Isto demonstra o universo feminino não deve ficar limitado ao corpo e aos comportamentos preestabelecidos que dele decorrem, mas a anseios e metas individuais e, portanto, singulares.

2.1 Ana Clara, a sensual Afrodite

O conflito de Ana Clara Conceição está no fato de ela corresponder ao modelo de uma sensual Afrodite de baixa condição sócio-econômica, mas desejar ser uma doméstica Hera, casada com algum rico empresário.

A personagem Ana Clara, também chamada de Aninha e Ana "Turva" pelas outras duas amigas, não tem família, é órfã, nunca conviveu com o pai, mas com diversos padrastos que violentavam a ela e a sua mãe. Pelo seu desamparo familiar compreende-se que ela seja dependente, frágil e doente, contudo, Aninha também é bastante ambiciosa, mas sua ambição é o desejo de alcançar uma nova condição sócio-econômica que a libertaria das privações sempre experimentadas por ela.

Ana Clara é viciada em drogas, amante de Max, um rapaz de família paulista tradicional, mas falida economicamente, que se torna traficante pelo dinheiro e pelo próprio vício. Ao mesmo tempo, a personagem mantém um suposto relacionamento com um rico empresário, de quem diz ser noiva, mas com quem nunca teve relações sexuais, ela alega para o noivo que é virgem, mas na verdade isso é uma estratégia para aparentar ser uma moça de respeito e também para evitar ter contato íntimo com o homem pelo qual nutre grande nojo. Por vezes, durante a história, a existência do noivo empresário, chamado de "escamoso" por Ana Clara, é posta em dúvida. Não há como se ter certeza de que ele existe de fato ou se é mais um produto de seus delírios provocados pelo abuso das drogas.

Entretanto, a grande preocupação da personagem ao longo da narrativa é ter dinheiro – ou como se referem as jovens, "oriehnid" – para realizar uma "vaginoplastia" (reconstituição do hímen) para enganar o noivo e poder com ele se casar. Este seu objetivo demonstra o quão pouco livre é a personagem, em relação aos estereótipos de gênero estabelecidos. Ao mesmo tempo, Aninha, em meio a seus delírios e memórias, fala sobre o desejo de retomar a Faculdade de Psicologia, cuja matrícula estava trancada, após o casamento com o noivo. Com isso, ela expressa o anseio de ter sua profissão e ser independente financeiramente de quem quer que seja. De certa forma, a Ana Turva também deseja ser um tanto mulher combativa e vê no casamento um instrumento para ter estabilidade e alcançar o sucesso profissional.

Ana Clara é a menina que apresenta a personalidade mais complicada das três, isto acaba por exercer um certo fascínio pela personagem, na busca de tentar compreendê-la. Suas evocações são as mais dramáticas, é pela memória de Aninha que se tem a mais comovente representação de violência de gênero da obra: o abuso sexual que sofria pelo dentista a quem chama de "Dr. Algodãozinho".

Filha de pai desconhecido, Ana Turva teve uma infância amarga e carente, junto a uma mãe que se prostituía para sobreviver e era constantemente machucada pelos sucessivos parceiros. Ana foi vítima da pobreza que a impelia a fazer tratamento dentário com um dentista que se dispunha a atender a ela e a sua mãe, mas que abusava sexualmente das duas, como se fosse tal ato seu pagamento:

> " – Então o Doutor Algodãozinho era bom.
> Era ótimo. Mudava o algodãozinho enquanto o buraco ia aumentando. Aumentando. Cresci naquela cadeira com os dentes apodrecendo e ele esperando apodrecer bastante e eu crescer pra então fazer a ponte. Uma ponte pra mãe e outra pra filha, Bastardo. Sacana. As duas pontes caindo na ordem de entrada em cena. Primeiro a da mãe que se deitou com ele em primeiro lugar e depois...
> (...) Por que os seios já não interessavam mais por quê? O botão eu repeti cravando as unhas no plástico da cadeira e fechando os olhos pra não ver o cilindro de luz fria do teto piscando numa das extremidades e o botão? Não não é o botão que eu quero é a ponte a ponte. A ponte me levaria pra longe da minha mãe e dos homens baratas tijolos longe longe. Posso rir de novo e me emprego de dia e estudo num curso noturno fico manicura porque de repente vinha um homem e se apaixonava por mim enquanto eu fazia as unhas deles. As unhas dele arrebentando o elástico da minha calça e enfiando o dedo de barata-aranha pelos buracos todos que ia encontrando tinha tantos lá na construção, lembra? (...)" (Telles, pp. 38 e 42)

A maioria das memórias de Ana Clara afloram, enquanto está na cama com o amante Max, entre conversas, lembranças e delírios a personagem conta sua trajetória pessoal e seus desejos, porém, como se pode depreender do trecho acima transcrito, seu discurso é bastante truncado, por isso as amigas a chamam de Ana "Turva".

Ana ama Max, mas não é capaz de ser feliz com ele, em parte por sua obsessão de se casar com o noivo rico, parte porque não consegue sentir prazer nas relações sexuais, apesar de amar o amante. O abuso das drogas fica claro como um subterfúgio para fugir da realidade, nos seus fluxos de consciência ela posterga todas as possíveis soluções de seus problemas para o próximo ano: a "vagioplastia"; o casamento; a ascensão social; a retomada da faculdade. O fim da personagem é o mais trágico, as amigas não conseguem salvá-la e ela falece no quarto de Lorena em decorrência de uma overdose. As amigas que precisavam se livrar daquele cadáver comprometedor, já que estava em plena ditadura militar. Então, Lorena

e Lia decidem enfeitá-la e vesti-la e deixá-la num banco de praça. Na ficção tal qual na realidade, a morte encontrou precocemente aquela que era a mais vulnerável sócio-economicamente.

2.2 Lião, a combativa Atena

Lia de Melo Schultz, carinhosamente chamada de Lião pelas amigas, corresponde ao modelo da guerreira Deusa Atena. Contrapõe-se à delicadeza da personagem Lorena e da vaidade de Ana Clara, pois não se preocupa com aparência: usa alpargatas ou sandálias com meias caídas. Lião vinha da Bahia e, tal qual Aninha, também lhe faltava o “orienhid”. Era filha de um alemão e uma baiana. Sentia muitas saudades de sua casa, família e sua terra.

Entretanto, saiu da Bahia para escapar de uma mãe superprotetora e de um pai com um misterioso passado, a indicar ter sido um oficial nazista. Era estudante de Ciências Sociais. Na faculdade, toma contato com um grupo de esquerda de resistência à ditadura militar e acaba envolvendo-se amorosamente com Miguel. O jovem que era liderança estudantil acaba preso, talvez uma implícita alusão à prisão das lideranças estudantis no Congresso da UNE em Ibiúna, em 1968. A partir da prisão do namorado, a preocupação de Lia é conseguir recursos financeiros para sustentar os militantes na clandestinidade. Passa para lá e para cá, às voltas com levar comida e roupas para o "aparelho".

Lia canalizava toda sua energia para o ativismo político, proferindo constantemente discursos sobre a pobreza no Nordeste, o falso milagre econômico prometido pelo regime militar e a alienação burguesa:

> Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer saber. E se souber ainda fica com raiva, o povo tem medo, ah! como o povo tem medo. A burguesia toda aí esplendorosa. Nunca os ricos foram tão ricos (...) Resta a massa dos delinquentes urbanos. Dos neuróticos urbanos. E a meia-dúzia de intelectuais (...) Não sei explicar, mas tenho mais nojo de intelectual do que de tira. Esse ao menos não usa máscara(pp. 19-20)

A jovem Lia é solidária e mostra-se prestativa para com as amigas, embora não tenha muita paciência para nada que não tenha caráter ideológico. Envolve-se com o militante Miguel, que a correspondia, contudo não puderam usufruir do amor que compartilhavam pela repentina prisão do jovem. Apesar de seus discursos sobre a liberdade da sexualidade feminina, ainda era virgem e pretendia manter-se assim até poder estar novamente com Miguel, seu verdadeiro amor. Estes comportamentos e desejos mostram como Lia, a despeito

de todo seu engajamento político, estava muito pressionada pelas regras da tradição patriarcal. Assim, a combativa Lia também nutria vontade de ser um pouco sensual e doméstica.

Com a notícia de que Miguel, seu namorado, seria um dos presos liberados em troca da liberdade do embaixador dos Estados Unidos pelos militantes da resistência, a preocupação de Lião passa a ser planejar e conseguir todos os recursos logísticos a fim de fugir com Miguel para o exílio. Para isto pede dinheiro e ajuda a Lorena. Na véspera de colocar seu plano de fuga em prática, Lia é surpreendida pela morte de Aninha e, junto com Lorena, decide como iriam se desvencilhar do cadáver comprometedor que a amiga se tornara. Depois disso, separa-se de Lorena rumo à concretização de seus planos, tal qual uma combativa guerreira que não abandona sua missão. Não há como saber se Lia manteve seu estilo combativo ou, conforme, seus desejos, mesclou-se com a doméstica e a sensual.

2.3 Lorena, a doméstica Hera

Lorena Vaz Leme, carinhosamente chamada de Lena, é uma jovem de família tradicional "quatrocentona", corresponde ao estilo da doméstica, a Deusa Hera. Não à toa que no ambiente doméstico do seu quarto, em que ela e as outras meninas encontram aconchego, a personagem simboliza o conforto e a segurança do lar, da família. Tudo que envolve a personagem relaciona-se com a tradição: ela é filha de aristocratas; cursa Direito; cita a bíblia; fala em francês; profere frases em latim; cita filósofos; dança balé e houve música erudita.

A menina Lorena presenciou a derrocada da própria família e, impotente, constantemente recorda seu passado, intercalando passagens felizes da sua infância com a morte de um dos irmãos, fato que desencadeou a perda da fazenda que precisou ser vendida, a internação do pai em sanatório, o trauma do outro irmão, a depressão da mãe. Diferentemente de Aninha que recorre às drogas, Lorena concebe outro tipo de fuga da triste realidade de seus traumas. Ela enclausura-se no seu "quarto-concha", criando um mundo – quase paralelo – somente seu dentro do pensionato. Ali pratica ginástica e balé, faz chá, recebe cartas e presentes do irmão diplomata, além de ser visitada com frequência pelas colegas que vêm a ela trocar confidências e pedir ajuda. Lorena toma sol, lê, filosofa, ouve música, mas pouco age fora de seu quarto: ela decorou o quarto com papel de parede amarelo, cama dourada e o banheiro com azulejos rosa, "lá fora as coisas podem estar pretas, mas aqui tudo é rosa e ouro (Telles, p.60)".

Lorena é uma personagem que apresenta um drama do passado e um do presente. No passado, a morte do irmão Rômulo que ela conta ter sido causada acidentalmente pelo irmão

Remo, hoje diplomata, em uma brincadeira de infância. No presente, sua angústia era amor que sentia por um homem casado, o médico Marcus Nemesius, o qual as meninas chamavam pelas iniciais, M.N. Este homem troca com Lorena bilhetinhos de amor, mas é relacionamento inviável de se tornar público, pois o médico, além de casado, tinha cinco filhos. Passa o romance todo aguardando que M.N ligue para o pensionato marcando um encontro, o que não acontece.

Na ilusão de viver um romance de fato com M.N, Lorena deixa passar algumas oportunidades de se realizar amorosamente. Dois rapazes a cortejam – Fabrízio e Guga – contudo, ela esquiva-se de ter com eles qualquer contato físico. A amiga Lia a define como uma burguesa alienada, ainda que demonstre solidariedade ao receber com carinho os pedidos de ajuda das amigas. Apesar de tentar refugiar-se em seu doméstico mundo dourado e rosa, o mundo insiste em entrar na vida de Lorena.

Quando Ana Clara entra moribunda em seu quarto e depois vem a falecer ali, o mundo invade a "concha" de Lorena e ela precisa, mais uma vez lidar com a morte. Lena, a despeito de sua costumeira inércia contemplativa, consegue pensar e agir de maneira rápida e propositiva, encontrando solução para o problema imediato que era o cadáver de Aninha; mas também vislumbra um caminho para se desvencilhar de sua alienação: o retorno para a casa da mãe, com o consequente desapego à ilusão de relacionamento com M.N. e a brecha ao amor de Guga. A doméstica Lorena, comprimida pelas tradições familiares, mas que tem arroubos de ser sensual para seduzir de forma avassaladora M.N por quem é apaixonada, também deseja ser combativa para enfrentar o mundo e suas constantes escolhas e decisões, tem um desfecho enigmático. Parece ter dado os primeiros passos em direção a uma emancipação, contudo, vislumbra ainda na família e numa relação amorosa estável elementos que trarão sua realização.

Considerações finais

Lorena, Ana Clara e Lia, personagens protagonistas do romance "As Meninas", de Lygia Fagundes Telles, são a expressão de jovens mulheres da década de 1970, porém é possível dizer que ainda apresenta uma imensa atualidade. A maioria das mulheres contemporâneas ainda sofrem com os mesmos dilemas das personagens. Isso porque a forma com que as personagens foram elaboradas desconstrói conceitos preestabelecidos para mostrar que as peculiaridades de cada mulher impedem de que sejam absolutamente fiéis a qualquer modelo pré-fixado.

A análise das três meninas, sob a perspectiva dos modelos das deusas mitológicas, permitiu demonstrar que Lygia Fagundes Telles pretendeu questionar os estereótipos de gênero ao realizar uma fusão entre as características das personagens, misturando as personalidades das jovens. Lorena é uma mulher doméstica que para conquistar sua paixão queria ser muito sensual (Hera e Afrodite); Ana Clara é a mulher sensual, almeja ser doméstica para adquirir respeitabilidade e segurança financeira (Afrodite e Hera) e Lia, que é a mulher combativa, mas que possui desejos domésticos de uma relação afetiva estável (Atena e Hera).

De alguma forma, "As Meninas" propõe a subversão dos modelos preestabelecidos de gênero, ou seja, o corpo feminino não deve ser uma limitação para os comportamentos que as mulheres querem exercer. Essa ideia está bastante conectada com o pensamento feminista, em especial, de Beauvoir: "Não se nasce mulher, torna-se". Entretanto, todas as três personagens, acabam por sucumbirem aos papéis que a sociedade patriarcal impunha. A degradada Ana Clara tem como destino a morte; a militante Lia, apesar de sua subversão, vai abdicar de sua rotina para seguir o amado e, ao que tudo indica, parte para o exílio; e Lorena volta para a casa de sua mãe, de onde tentou escapar.

Aí, nessa constante tensão para o cumprimento de comportamentos de gênero pré-fixados, está a mais intensa forma de violência de gênero. Nenhuma das personagens se mostra realizada. Mesmo procurando escapar do comportamento determinado aos modelos de mulheres ao qual correspondem, as três meninas sucumbem aos pensamentos e às ações de tais estereótipos que as levam a uma posição de subordinação à figura masculina. Isto porque que nenhuma delas conseguiu ser insensível à relação homem/mulher, já que elas moldam suas metas e sonhos em torno de uma figura masculina dominadora e/ou protetora.

As personagens elaboradas por Lygia Fagundes Telles lutam intimamente contra um sistema de dominação masculina ao qual acabam por se render. Importante frisar que Telles subverteu as representações femininas durante o contexto histórico da ditadura militar, quando esse tipo de subversão era tolhida e censurada. A autora explicitou o aprisionamento das mulheres em rígidos estereótipos e os problemas individuais e sociais que isso acarreta. Não julgou nenhum comportamento das meninas, tão somente conduziu à reflexão sobre eles.

Enfim, a violência de gênero foi representada na obra pelo papel da família e outras instituições que transmitem valores que se fixam de tal forma na mente das mulheres, que apesar de serem questionados, não conseguem ser facilmente eliminados. Por isso, romper com os papéis tradicionais de gênero é tarefa tão árdua que as personagens tentaram, tanto quanto as mulheres contemporâneas tentam subverter os modelos que as atrelam, contudo,

uma vez educadas no âmago deles, terminam traídas pelos seus próprios conceitos preconcebidos.

Referências

ARRUDA, Angela (2002), Teoria das representações sociais e teorias de gênero. Cad. Pesqui., São Paulo , n. 117, Nov. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-5742002000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Dec. 2014.

BOSI, Alfredo, (1978), *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix.

CANDIDO, Antônio, (1985), Literatura e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FILHO, Evaristo de Moraes (Org.), (1983) Georg Simmel: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.

PRAVAZ, Susana, (1981), Três estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa. Rio de Janeiro: Paz e terra.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente, (2009), Violências e Conflitualidades. Porto Alegre: Tomo Editorial.

TELLES, Lygia Fagundes,(2009), As Meninas. São Paulo: Companhia das Letras.